

JAVIER ARANCIBIA CONTRERAS

# Soy loco por ti, América



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Javier Arancibia Contreras

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Esta obra foi selecionada pela Bolsa Biblioteca Nacional/ Funarte de Criação Literária 2012.



*Capa*

Rodrigo Pimenta

*Foto de capa*

Cortesia de PixEden.com

*Preparação*

Silvia Massimini Felix

*Revisão*

Angela das Neves

Clara Diamant

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Contreras, Javier Arancibia

Soy loco por ti, América / Javier Arancibia Contreras. — 1ª  
ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2787-0

1. Romance brasileiro 1. Título.

---

16-05711

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance: Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/ciadasleytras](https://twitter.com/ciadasleytras)

# Sumário

PARTE 1 — A vida e a morte segundo Diego García (60-80), 11

PARTE 2 — Número 73 (70-90), 87

PARTE 3 — Paramaribo (80-00), 171

PARTE 4 — A Ridicularização (90-), 255

PARTE 1

*A vida e a morte segundo Diego García*

(60-80)

Eu nunca havia visto um cadáver, fosse ele resguardado, asseado, vestido de forma adequada e pronto para o derradeiro ritual a que praticamente todos são submetidos uma vez na vida; ou mesmo um corpo putrefato, despedaçado, ferido pela doença, miséria ou violência.

Se não me interessa em constatar a morte de frente, o que para meu trabalho é desnecessário, tampouco tenho curiosidade por imagens que revelem qualquer nuance de um corpo inanimado. Por mais próxima que seja da realidade, a fotografia de um morto, além da sua excentricidade, não passa de um simulacro do fim.

E para mim, o fim, apesar de matéria-prima, não interessa tanto quanto a vida.

Devo confessar que não busquei esse ofício. Na verdade, tudo começou com um erro. E isso já leva quase vinte anos, tempo em que estou casado com Ana. Um tempo tão longo quanto estranho.

De família tradicional — como a minha por parte de mãe, antes da depressão econômica e muito antes de eu nascer, caso

contrário minha mãe jamais teria se casado com um bibliotecário sem muitos recursos metido a ler poesia no café da manhã —, ela teve uma educação forjada pela formalidade e rigidez, assim como eu, que não estudei nas melhores escolas, mas fui orientado à exaustão pelo didatismo deslumbrado de meu pai. Talvez por isso, ela e eu, cada um a seu modo, por meio da pressão familiar ou mesmo do medo, acabamos nos tornando prodígios em muitos aspectos e com isso já éramos diferentes da maioria, ainda que essa condição não significasse nada para nós.

Naquela época, mesmo com seus mal completados catorze anos, quando seu corpo de bailarina magricela, mas carnoso nas partes certas, começou a despontar e a me chamar a atenção, ela já era pressionada pela família a estudar carreiras sólidas e convenientes como direito ou medicina. Ana, entretanto, e ao contrário de mim, nascera com o inconformismo e a rebeldia no sangue e, à medida que se tornava mulher e se aproximava da maioridade, passou de súbito a fazer o que lhe desse na telha. Esquivava-se de compromissos sociais, abandonava cursos com frequência, dilacerava sua irretocável vida acadêmica pregressa com notas médias, dentre outras situações. Foi a partir daí, inevitavelmente, que ela se transformou num grande estorvo para sua família.

Escondido de todos, esfregando os ouvidos pelas paredes e portas, escutei essas recriminações monótonas sobre ela durante boa parte da adolescência na sala da minha casa, aquele tipo de conversa entre mães que gira em torno da mesmice, e a cada vez queria ter corrido dali, com a raiva que me dominava, ter procurado Ana e lhe falado sobre isso e, mais que tudo, também ter falado sobre tantos outros assuntos que pudessem interessar a jovens como nós. Entretanto, como quase sempre, me faltavam a coragem e a ternura necessárias para lhe dizer essas coisas todas que ficavam represadas na minha garganta como um sentimento anulado.

Talvez tenha sido por isso que ela, filha de compadres dos meus pais, e eu, mesmo que não tivéssemos nenhum laço parental de sangue, tenhamos surpreendido a meio mundo quando começamos a nos relacionar, logo depois de mais uma daquelas festas malucas e com ar de futura nostalgia no campus da universidade onde eu estudava.

Naquela noite, Ana estava tão bêbada e havia fumado tanta maconha que, pouco antes de eu ir embora sozinho, como quase sempre acontecia em ocasiões como aquela, se lançou nos meus braços com os olhos apertados, vermelhos, meio chorosos e, sem me dizer nada de convincente ou mesmo nada que eu pudesse compreender, me deu um beijo na boca com certo pudor e com tanta tristeza que fiquei muito comovido.

Eu não compreendia bem o motivo de ela ter feito aquilo, talvez fosse por causa do baseado e, constrangido, achei até engraçado seu gesto, porque, mesmo que nos conhecêssemos desde sempre e estivéssemos eternizados em fotografias de bebês e crianças nos porta-retratos espalhados por nossas casas, Ana nunca havia se manifestado, nunca tinha se aproximado de mim daquela maneira, nem sequer tinha esboçado qualquer contato mais íntimo comigo. A verdade é que ela parecia brilhar onde quer que estivesse, mesmo quando não queria, enquanto eu mais parecia um fantasma pertencente a uma dimensão paralela. Entretanto, contra todas as previsões, a coisa aconteceu.

No início de tudo, porém, me senti como parte de uma simulação, de uma meia verdade, como os relacionamentos me parecem ser antes de se tornarem relacionamentos de fato. Ainda que entre as famílias tenhamos cultivado com os anos um laço de amizade, eu tinha me afastado dela já havia algum tempo por circunstâncias acadêmicas, por seguirmos carreiras distintas, em campi diferentes, mas também, e sobretudo, porque ficava aborrecido e indignado com as histórias que ouvia sobre ela.

Ana tinha fama de amoral, era malfalada, e, apesar da pouca idade, comentava-se nas rodas de conversa que ela teria ido para a cama com a metade da universidade ou do bairro. Mesmo que eu fizesse um tremendo esforço para não acreditar em tudo o que ouvia, não conseguia deixar de me irritar com as especulações. Ainda assim, nem por um segundo hesitei em querer Ana só para mim. Sobretudo porque no fundo sempre me senti atraído por ela, desde que exibia as canelas finas em vestidos cada vez mais curtos e tinha o nariz e o alto das bochechas pintados de sardas, e eu pensava que não existia a menor possibilidade de uma mulher tão cheia de vida, estilo e vigor se interessar por um intelectual de universidade ou mesmo por um literato sem quaisquer perspectivas como eu. Era bastante provável que eu dera sorte de estar na hora certa e no lugar certo no momento de uma grande desilusão que ela nunca me contou.

No início, porém, houve certa resistência e até um constrangimento mútuo por parte das famílias, como se Ana e eu fôssemos meios-irmãos, o que era um raciocínio no mínimo absurdo. Meu pai foi o único a não se incomodar, acho até que se divertiu com a crise familiar que se instaurou, dava sorrisinhos de escárnio quando nos via juntos, apesar de me precaver numa conversa particular entre homens, como ele nominou, da má reputação de Ana, também sabida por ele e por todos da família.

Meu pai queria demonstrar seu pensamento e seu espírito libertário adquirido pelos livros, como um europeu ou mesmo um francês, como todos aqui na capital achavam que eram, quando na verdade não éramos mais do que uma mistura heterogênea de nativos indígenas e europeus renegados e fujões.

Em pouco tempo, porém, coisa de seis meses ou menos até, eu aos vinte e dois, recém-formado na Faculdade de Filosofia e Letras, e ela aos vinte e um, retomando sua carreira no balé e debutando no circuito de teatro amador da cidade, nos casamos,

acompanhados por pouco mais de uma dúzia de amigos na plateia, numa igreja simpática em Almagro.

Apesar do frio de agosto, Ana usava um vestido branco bastante curto e ousado para os padrões cerimoniais, mas que lhe caía muito bem, e um lenço rendado da mesma cor que comprara com as amigas num dos brechós do bairro, enquanto eu me espremia no mesmo terno usado na minha formatura, à exceção do cravo vermelho na lapela. A cerimônia foi como queríamos, simples, trivial e rápida.

Depois de todos os clichês que envolvem um casamento, a chuva de arroz, os beijos e os abraços e as latas penduradas no para-choque do carro de Mirela, a amiga milionária de Ana que também nos emprestou a casa sem que os pais soubessem, sumimos por duas semanas em La Lucila.

Foi ali que tudo começou. Naquele pedaço de mundo bucólico e pouco habitado, dividimos os dias entre os passeios cinzentos e gelados à beira-mar, as inúmeras garrafas de vinho, a marijuana que eu ainda não havia experimentado e de que passei a gostar, o sexo rápido e constante da juventude, a leitura de passagens de livros que Ana trouxera na bagagem e as muitas conversas intermitentes sobre um futuro no qual nem ela nem eu gostaríamos de pensar, mas pensávamos.

Aquelas semanas pródigas em acontecimentos foram marcantes para mim. Ao me lembrar das coisas mais simples, posso dizer que naquele tempo fui um homem feliz. Foi a primeira vez na vida que fiz algo legítimo, por impulso, por uma vontade própria que inacreditavelmente ainda não sentira. Era como se eu ainda não houvesse compreendido do que se tratava a vida ou mesmo a liberdade e, ainda que tudo não tenha passado de uma faísca irracional, de um flerte juvenil com a felicidade, ainda assim é a primeira coisa que me vem à memória quando, depois de tantos anos e depois de tudo o que aconteceu conosco e com

o país, enfim abro os olhos e me vejo aqui de volta. Entretanto, não quero me precipitar.

Quando retornamos do que seria uma viagem corriqueira de férias pós-formatura — pelo menos foi a desculpa que usamos — e demos a notícia às nossas famílias, todos sem exceção ficaram brancos de pavor, afinal havíamos dispensado sem cerimônias a tradição religiosa da família. Embora meu pai tenha gritado muito comigo, chamando-me de inconsequente e, pela primeira vez na vida, de burro, idiota, estúpido, ao dizer que a minha carreira promissora deveria vir sempre em primeiro lugar, os pais de Ana, apesar da ruptura inesperada, mal disfarçavam o grande alívio em atirar a responsabilidade pela filha para o colo de outro. Eles deviam esperar algo pior, como uma gravidez indesejada que, com muita insistência, tivemos que negar. Um casamento faria menos mal a ela, sobretudo com alguém que conheciam desde sempre e que parecia sério e inofensivo.

Por isso não colocaram empecilhos ao transferir para Ana um apartamento bastante razoável no centro da cidade, herança dos seus avós para quando completasse vinte e um anos. Do meu lado, eu preferia começar do zero, alugar um quarto e sala mesmo em Almagro ou em Caballito, próximo à universidade onde eu já havia conseguido um trabalho, mas Ana acabou me convencendo de que, além de economizarmos o aluguel, no seu apartamento estaríamos mais próximos de tudo o que estava acontecendo de mais importante em Buenos Aires e, consequentemente, na Argentina.

Na época eu era cético em relação àquilo que Ana alardeava sobre as mudanças que o país gradativamente sofria. Sabia que algo acontecia nos bastidores, que a juventude se movimentava, mas a verdade é que eu me acostumara às reações dramáticas que acompanhavam as crises e os golpes. Portanto, para mim, era como se tudo aquilo que estava acontecendo ao nosso redor fosse algo natural e repetitivo, como respirar.

De qualquer forma e fora esses pensamentos, foi nesse apartamento central que começamos de vez o nosso casamento, quando quase de um momento para o outro passamos a dividir o mesmo teto, a mesma cama e todo o resto. Ainda éramos muito jovens, e, antes de tudo se consolidar, Ana vivia dizendo que, se pensávamos em viver juntos, teríamos que ser o extremo oposto das nossas famílias.

Talvez tenha sido por esse motivo que inventamos um pacto nosso num daqueles dias na praia, chapados, com os sentimentos entorpecidos. As três regras eram bastante simples e ela inclusive as anotou num caderno que sempre carregava consigo, antes de soltá-las ao ar com ternura e alguma displicência.

“Nenhum de nós poderá desprezar o tempo do outro quando este quiser ficar a sós, seja onde e em qual situação for;

“Nenhum de nós poderá reclamar disso ou sentir ciúmes por isso, pois a liberdade será mútua;

“Nenhum de nós fará qualquer tipo de cobrança, seja material ou emocional.”

Na época, essa espécie de dogma tinha algo de libertário, mas a verdade é que aquilo combinava única e tão somente com Ana. Eu não sentia essa necessidade de solidão ou de tempo para os pensamentos, pois já tinha raros amigos, além do fato de que passaria o dia todo na universidade, pensando e elaborando coisas, e tampouco estava acostumado com tanta liberdade assim, como Ana propusera.

De qualquer forma, eu não me opus a nada. Não havia em mim nenhuma pretensão de subjugar qualquer instinto, talento ou desejo dela. Ao contrário do que ela pudesse imaginar, tendo como parâmetro a minha personalidade sóbria e até meio sem graça, sempre tive uma queda por mulheres urgentes, cheias de viço artístico e tresloucadas, dessas que são capazes de levantar ou desprezar um homem apenas com o olhar. Foram essas coisas

que me fizeram casar com Ana. Eu não iria de jeito nenhum contradizer quaisquer que fossem suas ideias naquele momento.

No entanto, a verdade é que não éramos como seus pais ou como os meus. Éramos jovens e pertencíamos a uma geração que parecia ter mais desapego às tradições e estava sempre em busca de mais liberdade. Já eu não conseguia ser daquela maneira por muitos motivos, mas talvez sobretudo por não ser o erudito ou o homem das artes que meu pai tanto esperava de mim, tampouco um jovem com ideais e vitalidade como tantos outros naquela época.

Eu tinha vinte e poucos anos, estava no auge da juventude, mas de alguma maneira não a compreendia. Eu era apenas um estudante aplicado que ascendera à condição de professor universitário, no máximo um apreciador da arte literária, vanguardista, curioso e metódico, sem mais pretensões além de ensinar com competência tudo aquilo que eu havia aprendido.

Apesar dos muitos elogios à minha vida acadêmica pregressa ao trabalho na universidade, foi nessa época, nos primeiros anos de casamento, com esses pensamentos intermitentes, que passei pouco a pouco a compreender que eu era de fato um homem inteligente, mas sem talento.

Ao contrário de mim, porém, com o passar do tempo eu via que Ana tinha um entusiasmo fora do comum. Havia uma efervescência no ar, o mundo estava em constante transformação e ela estava atenta a tudo o que acontecia ou que estava prestes a acontecer, pois tinha muitos amigos nesse círculo artístico. Mesmo crítico e cético à ideia das artes como algo profundo a ponto de causar mudanças significativas na vida das pessoas, vê-la assim me deixava satisfeito. Ela simplesmente parecia feliz.

Também não dava para negar que, bem ou mal, mesmo que de maneira alternada, como uma gangorra, entre os vários golpes que ocorreram no país em épocas distintas, Buenos Aires

fervilhava de ideais, juventude, arte e, sobretudo, havia a recorrente esperança de que enfim se podia seguir adiante sem as interrupções costumeiras.

Nessa fase, Ana chegou a participar de alguns grupos artísticos da cidade. De dança, que era sua especialidade e formação como bailarina, e também de teatro. Não se saiu tão bem como atriz e foi severamente criticada em duas peças que protagonizou. Alguém importante escreveu no jornal que ela tinha a voz tão esganiçada que, caso fechassem os olhos, os espectadores pensariam estar diante de uma gansa interpretando Beckett. O sujeito escreveu nada mais, nada menos: “gansa”. Eu até ri com a crítica, pois já havia notado isso quando a via ensaiar trechos mais exaltados na frente do grande espelho do nosso quarto.

Meu grande erro foi rir na frente dela, com o jornal nas mãos, abanando-me de forma estúpida, mas não foi por querer. Eu achava que tínhamos intimidade para isso. Ana ficou arrasada, pois sabia que a carreira de bailarina não duraria muitos anos e esperava seguir adiante com o teatro. Com tato, tentei amenizar, mas outra vez fiz tudo errado ao dizer que talvez não fosse o momento certo, que ela talvez devesse parar por um tempo com o grupo teatral e estudar um pouco mais. Ela me fuzilou com o olhar, teve uma crise do mais alto grau, e acho que foi a partir daquele dia que ela começou a me espezinhar por qualquer coisa que dissesse em relação à sua carreira.

Nos espetáculos de dança, entretanto, se destacava. Mesmo com a idade um pouco avançada, Ana se tornou uma das principais bailarinas da Companhia de Balé de Buenos Aires. Ali era ela quem dava as cartas. Era uma rainha, soberana, e, na plateia ou durante os coquetéis posteriores às apresentações, eu me sentia extremamente insignificante diante dela e daquilo tudo, por muitos motivos. Por saber que eu jamais me tornaria um escritor como meu pai sonhava nas suas elucubrações estúpidas, por não

possuir a paixão necessária ao trabalho que exercia na universidade, por me distanciar de propósito dos temas recorrentes daqueles encontros com os amigos de Ana ou mesmo por me identificar com coisas simples e sem nenhuma importância como ir às feiras de antiguidades e colecionar objetos inúteis como selos, moedas, maços de cigarro e rolhas de vinho.

Talvez, na verdade, me sentisse ainda mais insignificante e até cultivasse um pouco de culpa por ser, dentro do panorama de um país politizado que buscava se encontrar no mundo, um fanático não pelo futebol em si, mas por El Pincha, a única coisa que herdei do meu avô, um barbeiro italiano grosseirão e inculto que trouxera de lá dos arredores de Nápoles essa paixão exacerbada e sem limites que se consolidou com o passar dos anos em La Plata, cidade onde ele foi parar depois de semanas num navio caindo aos pedaços e onde eu nasci e fui criado.

Convivi muito pouco com ele, mas o que me lembro — ou mesmo que tenha sido uma reinvenção dessa memória, não importa — fez com que o Estudiantes de La Plata fosse algo muito importante e intrínseco a mim. Sentimento que poderia ter se perdido com o passar dos anos porque meu pai tentou contribuir para isso de todas as formas, jogando-me, junto a Gregório, meu irmão, no seu mundo particular e vanguardista de letras e cálculos e pensamentos e arte, esquecendo-se de perguntar a nossa opinião. Esquecia-se também de falar mais sobre o nosso avô, o pai dele, que morreu quando éramos crianças e sobre o qual evitava rememorar qualquer assunto do passado, pois era certo que morria de vergonha.

E, assim, desse jeito acidentado, fui escondendo do mundo, mas nunca de mim mesmo, essa paixão secreta. Por esse motivo, quando já tinha idade suficiente, passei a inventar uma série de histórias mirabolantes aos meus pais e a arquitetar planos junto aos amigos para ir ao estádio assistir às partidas de fim de sema-

na, sempre na companhia de Gregório, outro apaixonado ferrenho, que era o homem da ação e roubava sem culpa o dinheiro da bolsa da nossa mãe para desfrutarmos juntos aquelas tardes gloriosas de domingo.

Gregório é o meu irmão mais velho, e por muitos motivos, alguns dos quais não tenho vaga ideia, hoje sei que ele me odeia. Aqueles talvez fossem os únicos momentos em que meu irmão e eu, dois *pincharratas* fanáticos, dois meninos com pouco mais de treze anos, conseguíamos esquecer tudo, nos perdoar e até mesmo nos amar. Vencendo ou perdendo, estávamos sempre juntos, e esses poucos momentos, pequenos pedaços de tempo invisíveis a todos, não poderão nunca ser tirados de mim e de Gregório.

Entretanto, apesar de tudo, o mesmo futebol que me fez passar por muitas situações de glória e de extrema felicidade também me fez protagonista de outras bastante vexatórias. Como da vez em que, reunidos na casa de Mirela, dois ou três amigos daquele grupo, em mais uma daquelas conversas de sempre, discutiam com fervor em meio aos drinques e às cigarrilhas francesas que o futebol era o câncer do povo e atrasava o país porque todos os milhões de idiotas que se preocupavam mais com quem ia vencer o torneio nacional do que com as causas importantes e urgentes continuavam a pensar exatamente da mesma maneira, década após década.

Eles falavam como se a culpa de tudo fosse do povo, dos apaixonados por suas equipes, como se não existisse governo ou como se não coubesse uma autocrítica desses pensadores arrogantes e pusilânimes. Decidi ficar calado. Desde que eu nasci escutava esse tipo de conversa. Eu não achava que a culpa fosse dos torcedores nem do futebol. Uma coisa nada tinha a ver com a outra. Mas não sentia vontade de argumentar, pois aquele ambiente não era o meu e de qualquer forma aqueles jovens que

usavam cachecóis e chapéus deslumbrantes, e falavam como se estivessem diante de uma plateia de pessoas similares a eles, só entendiam o que queriam entender. Atacar o mundo, a paixão e a rotina dos outros sempre foi o caminho mais fácil para aqueles tipos.

Daí Ana surgiu com a informação. Parecia um abutre chegando à redação com seu primeiro grande furo. Ligeiramente bêbada ou insuportavelmente prepotente ou mesmo invertendo essa ordem, como quase sempre acontecia em festas como aquela, Ana capitulou minhas façanhas de torcedor fanático, primeiro a esse pequeno grupo para depois amplificá-las a quem quisesse escutar. Gesticulava, ria, puxava os outros pelo braço para que se juntassem ao espetáculo. Quando passou por mim, me dirigiu o mesmo olhar de fúria, ódio e rancor de quando a ironizei sem querer em relação ao teatro. Já havia passado um ano e eu nem me lembrava mais do fato, ao contrário de Ana, que parecia querer me humilhar como achava que eu havia feito com ela.

Sobre minha devoção futebolística, embriagado, eu havia lhe confidenciado essa minha paixão durante o tempo que passamos na praia, na nossa lua de mel. Na verdade, não foi tanto pela bebedeira que lhe falei, mas sim devido a uma espécie de jogo da verdade que fizemos, no qual perguntei apenas temas idiotas, superficiais e insignificantes, com medo de que ela se ofendesse, quando na verdade queria ter lhe perguntado sobre todas aquelas histórias que me sopravam aos ouvidos envolvendo os inúmeros homens que supostamente se esbaldaram do seu corpo acabado de menina rebelde e mimada.

Quando chegou a vez dela no jogo, tive que lhe contar o meu segredo, algo que demorei a relatar e cheguei a gaguejar — quando fico nervoso, gaguejo — no fundo por temer ser ridicularizado por ela. Ana, porém, riu muito, se esbaldou por assim dizer, como fez com os seus amigos tempos depois. Mas ali es-

távamos apenas os dois e até me emocionei, pois me pareceu o início da intimidade no casamento. Até eu ri, por fim.

A verdade é que a minha formalidade ao contar o segredo, adquirida pela educação austera que tive durante toda a vida, nada tinha a ver com a paixão um tanto incoerente que move o futebol. Sobre tudo o futebol argentino. Mais ainda. Sobre tudo a paixão que move os torcedores do Estudiantes de La Plata. Eu poderia ter revelado ser um assassino profissional, um espião político, um psicopata, ela disse às gargalhadas, que seria mais plausível que se revelar um *pincharrata*.

Contei-lhe então sobre o meu avô italiano e a negação do meu pai. E ela me disse ter gostado muito da história, mas não pensou nisso ali na casa de Mirela, quando vociferou aos berros que eu ia aos jogos com frequência e que, mesmo adulto, morria de medo de que meu pai me flagrasse porque ele também achava aquilo um atraso de vida. Contou ainda que eu roía as unhas como um menininho lunático até os dedos ficarem em carne viva ouvindo as partidas no rádio e que, como uma tradição, me enrolava da cabeça aos pés numa bandeira velha e empoeirada do time alvirrubro toda vez, e não eram muitas nos últimos tempos, que a equipe vencida um torneio, qualquer que fosse.

A realidade é que Ana se superou ali. Ela não deve ter sentido isso, mas para mim foi como uma grande traição. Ana revelou algo que lhe contei num momento de extrema intimidade e quis me desmoralizar na frente de um grupo de artistas temperamentais, afetados e bêbados que já não conseguiam entender do que tanto riam. Embora não devesse, fiquei tão constrangido com aquela situação que fui embora logo em seguida sem me despedir. Aqueles idiotas não tinham a menor ideia do que era paixão.

Entretanto, esse entusiasmo e essa prepotência de Ana cada vez mais se tornaram incomuns. Não que ela fosse extrovertida assim todo o tempo, havia dias em que se recusava inclusive a falar.

Foi uma época estranha. Com o passar dos anos, todos aqueles amigos e amigos desses mesmos amigos que nos visitavam e volta e meia passavam temporadas enclausurados no quarto de hóspedes do apartamento, escondidos de todos e de tudo, também se afastaram do nosso convívio, assim como Ana também desapareceu dos ensaios da Companhia de Balé e, logo, do grupo de teatro.

A relação que eu tinha com meu pai também foi se degradando, as coisas todas foram desaparecendo assim, de forma gradativa, a conta-gotas. Enquanto eu me dedicava ao trabalho, Ana, em vez de vivenciar aquilo que prejulgava ser sua condição no mundo, se abstraía, se isolava, se tornava uma mulher indiferente e deslocada de tudo.